1 Introdução

Este trabalho tem por objetivo mostrar como o preconceito racial é socialmente construído através do discurso, e como essa construção social se reflete nas traduções para o português do Brasil das três peças de William Shakespeare onde figuram personagens masculinos marcadamente de cor: *O mercador de Veneza*, *Tito Andrônico* e *Otelo, o mouro de Veneza*.

A importância de William Shakespeare (1564-1616) no cânone da literatura universal não necessita de maiores justificativas. A relevância da tradução na divulgação de sua obra, entretanto, só agora começa a receber a devida atenção, considerando-se que a recepção do texto shakespeariano passa por uma mediação, realizada justamente através de uma tradução da obra para os leitores que não têm acesso ao texto original.

Ainda no que tange à tradução, é importante lembrar que sua importância não se restringe aos textos escritos. O seu caráter mediador se faz presente na encenação teatral da obra em línguas diferentes do inglês original, assim como na interação com os textos shakespearianos através do cinema, ópera e balé, por exemplo.

Conforme propõe o teórico André Lefevere (1990: 27), a tradução é responsável em grande medida pela imagem que se forma a respeito de uma obra, autor, cultura. Assim, justifica-se por parte dos estudos tradutórios uma análise da imagem formada de Shakespeare no Brasil através das traduções de sua obra.

O estudo de autores canônicos, tais como Shakespeare, também se justifica por outros motivos. Um autor canônico exerce uma função de construção de ideologias que formam a cultura. Assim, torna-se importante estudar de que forma essa categoria de autor constrói e/ou subverte ideologias. Como indagam os editores de *Post-colonial Shakespeares*:

How do our attitudes to ‘race’ differ from those of Shakespeare’s contemporaries, and to what extent have our views been shaped by early modern histories and ideologies? And most crucially, what part do Shakespeare’s plays and poems play in the transmission of ideas about race and cultural difference? (Loomba & Orkin, 1999: 4) (grifo nosso).

Nesse caso, a tradução também merece ser analisada, pois, segundo outro teórico da tradução, Lawrence Venuti, a tradução, considerada como interpretação ou reconstrução da obra original, teria o papel de legitimar, impedir ou expor a construção dessas ideologias, sendo o tradutor o agente dessa prática cultural (Venuti, 2002: 9-11).

Aos questionamentos apontados pelos editores citados acima, que são mediados pela tradução, poderíamos ainda acrescentar mais um: em que medida o tratamento dado às referências à raça nas traduções reflete uma visão contemporânea e localizada, culturalmente influenciando, moldando ou transformando a visão que podemos ter de Shakespeare e sua obra?

Especificamente em termos do tema abordado nesta dissertação – “raça” como manifestação ideológica construída pelo discurso – podemos assinalar um movimento crescente na crítica shakespeariana no sentido de estudar essa questão, na esteira dos estudos culturais, do *new historicism* e dos estudos pós-coloniais, como atestam o volume de trabalhos realizados e o resgate de textos pioneiros no assunto¹.

Além disso, tem havido um movimento de reavaliação dentro da própria crítica shakespeariana, apontando como a questão da raça podia ser totalmente ignorada, ou como uma ideologia racista podia vir expressa implícita ou explicitamente no trabalho dos editores, críticos, ou encenadores. Os tradutores, exercendo o papel de mediadores, poderiam ser incluídos neste último grupo, de possíveis propagadores do que estamos chamando de ideologia racista.

Estudar a questão racial é particularmente relevante no Brasil, país que se promove como tendo sido constituído por diversas “raças”, com número expressivo de imigrantes europeus e negros, além dos índios autóctones. O assunto torna-se de maior interesse ainda, se considerarmos que o país se orgulha da grande mistura dessas raças, e se proclama ser uma nação racialmente democrática, onde supostamente inexistente a discriminação por raça².

Assim, para examinar o contexto de produção das peças que compreendem o *corpus* buscamos reunir bibliografia específica sobre raça na própria crítica

¹ Ver, por exemplo, *Shakespeare and race*, organizada por Catherine M. S. Alexander e Stanley Wells, Cambridge: 2000, que reproduz textos de 1958 ao lado de textos mais recentes e textos redigidos especialmente para a coletânea. Como afirma Ania Loomba (1996: 164): “Empire, race, colonialism and cultural difference are rather belatedly becoming central to Shakespeare criticism”.

² A veracidade dessa afirmação será discutida posteriormente na seção dedicada ao racismo.

shakespeariana, a fim de inscrever o tema neste contexto, para então efetuar uma comparação com o contexto de recepção atual, analisando a interferência dos tradutores. Entretanto, para a definição e a caracterização do discurso racista, privilegamos autores brasileiros, de forma a tentar, assim, já aplicar nas peças as definições e características de racismo segundo os parâmetros vigentes no Brasil de hoje. O intuito é verificar se o discurso racista presente no original, na época de formação dessa ideologia, na Europa colonialista, seria o mesmo em relação ao discurso racista encontrado em um país com histórico de colonização, após a passagem de quatro séculos. Na linha de raciocínio de Orkin & Loomba, citados acima, estaríamos investigando o papel dos textos shakespearianos na divulgação da ideologia colonial européia, mas tomando como ponto de partida o referencial teórico do contexto de recepção (colonizado) e não do contexto de produção (colonizador). É importante frisar que as traduções serão analisadas a partir da perspectiva atual e não do momento de sua produção e/ou publicação.

Da mesma forma que os críticos, editores, diretores e encenadores de língua inglesa podem veicular mensagens racistas em seus textos, investigamos se e como os tradutores podem reproduzir ou propagar essas mensagens, ou fazer alusão à questão da raça - e até se posicionar em relação a ela - em seus paratextos (por exemplo, nas notas, introduções ou prefácios).

A questão racial em Shakespeare pode ser investigada em toda sua obra, não se limitando à poesia dramática. Alguns estudos focalizam o tema tanto nos poemas narrativos quanto nos sonetos³. Na poesia dramática, os estudos de raça tendem a se concentrar nos personagens Otelo, Shylock e Caliban, por serem personagens que provocam tensões inter-raciais, inter-religiosas ou interculturais, em obras bastante representativas dentro do cânone. Otelo, o mouro de Veneza, destaca-se por ter a cor da pele diferente daquela comum no contexto onde se encontra inserido; o judeu Shylock rompe com a confluência entre religião e raça, na medida em que a religião passa a determinar a diferença racial; Caliban, cuja raça não é mencionada, passou a ser representado em produções teatrais como negro ou mestiço, indicando “Caliban’s *political* colour as clearly black”

³ Cf. Hall, Kim F (1998). “‘These bastard signs of fair’: literary whiteness in Shakespeare’s sonnets”. In: Loomba, Ania & Orkin, Martin (Eds.), que investiga o conceito de branquitude no período elisabetano, e como os sonetos estimularam a ideologia emergente que preconizava a supremacia branca; e Hendricks, Margo (1998) “‘Tis not the fashion to confess’: Shakespeare-Post-coloniality-Johannesburg, 1996”, no mesmo volume, cuja proposta é analisar *The rape of Lucrece* como um texto que contribuiu para o surgimento do conceito moderno de raça.

(Loomba: 1999:143), comparação também estabelecida por Muniz Sodré (1999: 148).

Optamos em nosso *corpus* por analisar as peças que contêm personagens marcados como “de cor” dentro do cânone dramático shakespeariano. Além do Príncipe de Marrocos, Aarão e Otelo, alguns críticos incluem também Cleópatra no grupo (Hendricks, 2000: 1; Little, 2000). Entretanto, a rainha do Egito não fará parte de nosso *corpus*, pois permanece inserida em seu contexto, ao contrário dos demais personagens, que se encontram deslocados de sua terra natal. Optamos, em suma, por estudar os africanos na Europa, a fim de investigar a tensão causada pela presença do Outro não-hegemônico.

A opção por incluir três peças no *corpus* teve como objetivo situar o racismo dentro do cânone dramático shakespeariano, em vez de simplesmente focar uma das “quatro grandes tragédias”, categoria que costuma incluir, além de *Otelo*, *Hamlet*, *Macbeth* e *O rei Lear*. Foi concedida especial ênfase a *Otelo* pelos seguintes motivos: (i) a importância da obra no cânone shakespeariano; (ii) o fato de o personagem negro ser o próprio herói titular, enquanto nas outras peças esses personagens desempenham papéis menores, sendo o papel do Príncipe de Marrocos bastante reduzido quando comparado aos demais; (iii) a maior relevância que o discurso racista adquire na peça justamente pelo fato de o protagonista ser negro.

O *corpus* é constituído pelas traduções integrais brasileiras⁴ publicadas das três peças, e os paratextos que as acompanham.

Devido à necessidade de limitar o *corpus*, não foram abordadas:

- traduções não publicadas, realizadas para encenações teatrais específicas como por exemplo, a tradução especialmente preparada para a Companhia de Teatro Folias, por Maria Silvia Betti, disponível em <http://www.gtdramaeteatro.ato.br/agenda.htm>;

⁴ Por tradução “brasileira” entenda-se feita em português do Brasil (levando-se em conta os aspectos sintáticos, lexicais e de registro, entre outros) (Martins, 1999: 153). Procuramos abranger em nosso *corpus* todas as versões publicadas no Brasil para cada uma das peças examinadas. Foi encontrada ainda uma tradução em prosa de *Otelo*, em edição conjunta com *Macbeth*, cujos tradutores não são mencionados (São Paulo: Otto Pierre editores, 1979, Coleção Grandes Clássicos). Optamos por não incluir esta versão no *corpus* justamente por não mencionar o tradutor.

- traduções não-publicadas, preparadas por livre iniciativa de um tradutor, sem prévio acerto com alguma editora, como a tradução de Geraldo Silos (cf. Martins, 1999: 241);
- adaptações infantis ou infanto-juvenis baseadas em Shakespeare, como por exemplo, *Otelo, o mouro de Veneza*, adaptação de Hildegard Feist (São Paulo: Scipione, 1997 - Série Reencontro), e *Otelo*, adaptação de Jennifer Mulherin (São Paulo: Manole, 2002 - coleção Shakespeare para todos);
- adaptações em prosa, como por exemplo, “*Othello*. Romance extrahido da grande tragédia de Shakespeare, publicado pela Livraria João do Rio, 1925”, sem indicação de autor (exemplar encontrado na Biblioteca Nacional);
- adaptações infantis indiretas, como, por exemplo, as elaboradas através da adaptação de *Otelo* realizada por Charles e Mary Lamb, em *Contos de Shakespeare*. Os tradutores dessa adaptação indireta a partir dos irmãos Lamb incluem Mário Quintana (Porto Alegre: Editora Globo, 1943), Octavio Mendes Cajado (São Paulo: Editora Saraiva, 1960), Paulo Mendes Campos (Rio de Janeiro: Ediouro, 1996) e Sérgio Godinho de Oliveira (Belo Horizonte: Editora Dimensão, 1996);
- “apropriações” brasileiras, como por exemplo, a peça *O Caboclo* de Emílio Rouede e Aluisio Azevedo, (1886) e as comédias analisadas por Eugênio Gomes (Gomes, 1961: 88-93) em seu capítulo “Paródias do *Otelo*”: *Os ciúmes de um pedestre* (1846) de Martins Pena; *O novo Otelo* (1870) de Joaquim Manoel de Macedo; *O Caliche* (1858) de Antonio José Areas, e *Otelo, tocador de realejo* (1874) de Costa Lima;
- imitações ou adaptações confessas, como por exemplo, *Othello*, elaborado a partir da imitação de Jean-François Ducis, traduzido por Domingos José de Gonçalves de Magalhães (1838).

Portanto, podem-se já vislumbrar futuras investigações a respeito das adaptações, apropriações ou imitações. Poder-se-ia perguntar, por exemplo: quais seriam as apropriações de *Otelo* no Brasil, e como enfocariam a questão da raça/cor? Como foram as encenações de *Otelo* no teatro? E outras questões relacionadas.

Tampouco foram analisados metatextos (resenhas e comentários feitos por críticos e tradutores de renome em jornais, revistas, livros e manuais), mas nesse caso o motivo foi a exigüidade desse material⁵.

As premissas que fundamentam este estudo são:

- o racismo é ideologicamente construído pela e na sociedade (Kabengele, 1988, Santos, 1980, Moita Lopes, 2002);
- o racismo e toda forma de discriminação passa necessariamente pela linguagem (Van Dijk, 2000a; 2000b, Castro, 2000);
- os textos literários – na medida em que são produtos da linguagem – constroem, refletem e/ou reproduzem ideologias; portanto, o racismo como ideologia pode ser construído, refletido e/ou reproduzido pelos textos literários (Loomba, 1999, Newman, 1987, Sodr, 1999: 195, Castro, 2000: 25-6);
- os textos traduzidos so parte integrante do conjunto dos textos literrios que compem um determinado sistema literrio, desempenhando neste funes diversas (cf. a teoria dos polissistemas de Evan-Zohar, 1990);
- a traduo – na medida em que tanto discurso quanto interpretao – tambm desempenha papel de transmissora de ideologias (Venuti, 2002).

Antes de focar a ideologia e o discurso racistas propriamente ditos, apresentaremos, no captulo 2, um resumo dos estudos da traduo pertinentes a este trabalho, a saber, os *Descriptive Translation Studies* e a teoria dos polissistemas.

A seguir, faremos um breve histrico, ainda no captulo 2, das origens do racismo na Europa, ao mesmo tempo em que examinaremos a representao dos negros no perodo renascentista, a fim de situar as peas em seu contexto de produo e, assim, configurar como estas subscrevem, refletem ou subvertem a ideologia da poca. O intuito estabelecer uma possvel relao entre os textos e a ideologia racista, fortalecida no renascimento devido expanso europeia, e conseqente aproximao entre povos at ento desconhecidos.

⁵ Do levantamento de resenhas ou menes a tradues da obra lrica e dramtica de Shakespeare publicadas em jornais entre 1947 a 1995, efetuado por Martins (1999) junto Biblioteca Nacional, no constava nenhum artigo relacionado diretamente a *Otelo*.

Após conceituar a ideologia racista, veremos como esta se reflete na linguagem, delimitando algumas características típicas de um discurso considerado preconceituoso.

O capítulo 3 apresenta a metodologia utilizada para a análise dos dados. O capítulo seguinte, de número 4, inicia-se com algumas informações sobre os tradutores das peças incluídas no corpus, para então deter-se na análise de cada peça individualmente, tanto no texto original quanto nas respectivas traduções brasileiras, com o intuito de:

- levantar as ocorrências de discurso racista presentes no texto original;
- categorizar as ocorrências do discurso racista no texto original, segundo as características que apresentamos no capítulo 2 deste trabalho;
- apresentar, nas versões brasileiras, as diferentes soluções tradutórias para cada ocorrência de discurso racista encontrada⁶; para então,
- verificar a estratégia de tradução adotada para cada ocorrência, segundo as categorias que definimos no capítulo 3 deste trabalho⁷;
- examinar se, de modo global, a linguagem dos tradutores expressa ou incorpora características típicas de discurso racista brasileiro, configurando uma estratégia de domesticação⁸.

Ainda no capítulo 4, precedendo a análise das ocorrências, há uma breve discussão dos textos-fonte existentes para cada peça em inglês. Como a fixação do texto original não é uniforme, já que para determinada peça pode haver mais de um texto original inglês, pode haver, como consequência, discrepâncias nas traduções atribuíveis a oscilações no próprio texto original.

No contexto de recepção, além da análise das ocorrências discriminatórias descrita acima, procede-se também ao exame dos paratextos que acompanham as traduções (introdução, prefácio, notas do tradutor, capa, quarta capa, etc.), a fim de determinar a imagem dos personagens negros que emerge desses textos.

Por fim, o capítulo 5 apresenta algumas considerações elaboradas a partir dos dados examinados no capítulo 4.

⁶ Por solução tradutória, consideramos a forma localizada e individual que cada tradutor encontrou para verter determinado termo, expressão ou frase.

⁷ Por estratégia de tradução, consideramos um mecanismo geral de tradução que norteia a solução tradutória localizada.

⁸ A estratégia de domesticação procura trazer o texto estrangeiro para a realidade do leitor da tradução, em oposição à estratégia de estrangeirização, que não procura facilitar a compreensão do texto estrangeiro para o leitor.